

RITUAL, IDENTIDADE E METAMORFOSE: OS RITOS DE MARGEM EM *UMA APRENDIZAGEM OU O LIVRO DOS PRAZERES*

Rodrigo Felipe VELOSO*
Teresinha Vânia Zimbrão da SILVA**

- **RESUMO:** Este artigo tem por objetivo analisar o romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, da escritora Clarice Lispector, a partir da teoria dos ritos de passagem, em especial, sob a articulação do segundo ponto específico, nomeado de “ritos de margem”. Este fica evidente no romance como sendo o mais profícuo desses rituais, uma vez que a protagonista se situa numa interestrutura, entendida como estágio liminar, que representa a experiência da individualidade vivida, num período de isolamento e autonomia do grupo. Além disso, essa individualidade torna-se complementaridade à medida que Lóri tenta estabelecer um modelo de plenitude para sua vida social e isso acontece na relação com o outro, constituindo, assim, a sua identidade. Os outros ritos (separação e agregação) também possuem essa dinâmica, mas seguindo o processo e trajeto ritual, será no período de “margem” que encontraremos a possibilidade de melhor desenvolvimento das ações e representações dos personagens do romance. As fases da vida de Lóri estudadas referem-se ao momento da vida adulta, o seu relacionamento com Ulisses e o aprofundamento de sua sexualidade.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura brasileira. Clarice Lispector. Identidade. Alteridade. Ritos de passagem.

Na margem das relações com o outro

O romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, de Clarice Lispector traduz a experiência do eu diante do outro, e especialmente diante das coisas existentes no mundo. A protagonista empreende sua jornada, a partir da procura de sua identidade, do quem sou eu.

* UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Letras – Departamento de Letras: Estudos Literários. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36036-900 – rodrigof_veloso@yahoo.com.br

** UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Letras – Departamento de Letras: Estudos Literários. Juiz de Fora – MG – Brasil. 36036-900 – teresinha.zimbrao@ufjf.edu.br

Lóri passou a infância em Campos, interior do Rio de Janeiro. Sua família era rica, mas o seu pai perdeu parte da fortuna depois da morte de sua mãe. Diante da instauração de seu rito de separação de um ente querido, ela decide, portanto, separar-se mais uma vez, nesse caso, do pai, pois segue em direção ao Rio de Janeiro, onde conhece Ulisses.

A história de Lóri e Ulisses possui uma origem mítica, pois Loreley, segundo a lenda do folclore alemão, era uma sereia que seduzia os pescadores, que se atiravam ao mar e morriam enfeitiçados pelo seu canto. Ulisses, por sua vez, era um herói grego, que realizou sua travessia marítima sem se deixar seduzir pelas sereias, devido ao seu maior atributo, a inteligência.

A inteligência de Ulisses é como uma ponte que ajuda Lóri a seguir e construir o seu próprio caminho de aprendizagem do prazer e sua travessia interior. Ela não o seduzirá pelo canto, mas sim, pela palavra. A palavra de Lóri, assim como os seus ritos de margem, inventará a si mesma, o outro e o mundo, numa busca pelo autoconhecimento.

Em se tratando de rito de margem, entendemos como um período ritual no qual é promovida a transição de um estágio individual ou coletivo para outro, bem como há uma transposição entre os estágios, os sujeitos rituais, estando no período marginal, dispensam algum tempo numa interestrutura, nomeada também de liminar. O indivíduo não estaria nem na estrutura anterior (rito de separação), nem na seguinte (rito de agregação) a que foi promovido. Assim, esse conceito é percebido na narrativa quando Lóri reflete: “[...] quero esta espera contínua como o canto avermelhado da cigarra, pois tudo isso é a morte parada, é a Eternidade de trilhões de anos das estrelas e da Terra, é o cio sem desejo, os cães sem ladrar. É nessa hora que o bem e o mal não existem.” (LISPECTOR, 1980, p. 31).

O indivíduo adentrou num território desconhecido. Não conseguirá dissociar de seu passado, e nem tampouco estará apto a vivenciar o estado futuro e almejado, a não ser que este se integre completamente. Dessa forma, os ritos de margem “[...] podem constituir uma secção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação [...]” (GENNEP, 2011, p. 30).

A travessia de Lóri pelos ritos de passagem acontece em consonância ao elemento água. Isso porque, sendo “sereia”, sua aprendizagem começa de modo inverso, isto é, por terra, porém, a sua identidade constitui-se como líquida, fluida e contínua: “[...] a chuva e Lóri estavam tão juntas com a água da chuva estava ligada à chuva. [...] Ela era a chuva.” (LISPECTOR, 1980, p. 166-167).

Do calor e da secura de viver no limiar do processo ritual, Lóri reconhece que há umidade no desejo do encontro com Ulisses. O cenário crepuscular que se apresenta da janela da protagonista é o de Marte, o planeta vermelho.

A cor vermelha prenuncia o desejo de partida de Lóri, a sua nova vida e a doçura em atingir o amor de Ulisses. Tudo estava vermelho (no sentido de representar a cor da paixão) nesse espaço do amor, e Lóri estava “[...] seca como a febre que não

transpira [...]. Só os dentes estavam úmidos. Dentro de uma boca voraz e ressequida os dentes úmidos mas duros – e sobretudo a boca voraz para nada. E o nada era quente naquele fim de tarde eternizada pelo planeta Marte.” (LISPECTOR, 1980, p. 30).

A protagonista é abrasada pelo calor do verão, o sol que a queima está mais intimamente ligado ao seu aspecto interno do que externo, a ausência de água faz com que Lóri-sereia não consiga exteriorizar o que sente por Ulisses, uma vez que “[...] nenhum sinal de lágrimas e nenhum suor. Sal nenhum. [...] Pensar no homem? [...] Ah, se as mãos comesçassem a se umedecer. [...] Nada escorria. A dificuldade era uma coisa parada. É uma jóia diamante.” (LISPECTOR, 1980, p. 31).

Esse estágio de espera e reflexão diante da vida aponta para Lóri uma delimitação entre o que está fora e o que está dentro de si, como a possibilidade de passagem de uma condição à outra. E, sobretudo, encontramos a imagem da porta, mencionada na epígrafe que sustenta o romance, em especial em Apocalipse, quando expressa, “[...] depois disto, e eis que vi uma porta aberta no céu, e a primeira voz que ouvi era como a trombeta que falava comigo, dizendo: sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que devem acontecer depois destas.” (LISPECTOR, 1980, p. 14). A imagem da porta sugere a ideia de passagem perigosa e que, por esta razão, associam aos rituais iniciáticos e fúnebres.

De certa forma, Ulisses reconhece no símbolo da porta um sinal de perigo e afirma a Lóri: “– Nós dois sabemos que estamos à soleira de uma porta a uma vida nova. É a porta, Lóri. E sabemos que só a morte de um de nós há de nos separar. Não, Lóri, não vai ser uma vida fácil. Mas é uma vida nova.” (LISPECTOR, 1980, p. 176). O processo iniciático, assim como a morte, equivale a uma passagem de uma fase a outra, de um modo de ser a outro e se conjugam para uma verdadeira transformação ontológica.

Com efeito,

[...] a estrada é árdua, repleta de perigos, porque, na verdade, representa um ritual de passagem do âmbito profano para o sagrado, do efêmero e ilusório para a realidade e a eternidade, da morte para a vida, do homem para a divindade. Chegar ao centro equivale a uma consagração, uma iniciação; a existência profana e ilusória de ontem dá lugar a uma nova, a uma vida que é real, duradoura, eficiente. (ELIADE, 1992, p. 23).

Nesse sentido, vem de fora o som de um trovão “seco” e longínquo, que anuncia o sinal de mudança, visto que o céu azul assinala que o verão do Rio de Janeiro é tão quente quanto úmido. A protagonista reconhece que a chuva virá, mas percebe também que esta transformará a morte seca em vida plena e, posteriormente, a fará renascer na primavera. “Ela só percebe que agora alguma coisa vai mudar, que choverá ou cairá a noite. Mas não suporta a espera de uma passagem, e antes da

chuva cair, o diamante dos olhos se liquefez em duas lágrimas. E enfim o céu se abranda.” (LISPECTOR, 1980, p. 32).

Lóri entende que o cair da chuva no planeta Marte traz a claridade de uma nova terra que, a partir de então, será vivida no planeta Vênus, onde acontecerá mais uma etapa da sua aprendizagem, visto que já foi seduzida pelo canto de Ulisses, o que implica que essa história mítica de amor representa uma “odisséia às avessas”.

Lóri-sereia aos poucos passa a assumir sua nova postura em terra, a de tornar-se mulher, pois “[...] ela se tornara mais habilidosa: como se aos poucos estivesse se habituando à Terra, à Lua, ao Sol, e estranhamente a Marte sobretudo. Estava numa plataforma terrestre de onde por átimos de segundos parecia ver a supra-realidade [...]” (LISPECTOR, 1980, p. 37).

Em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, a protagonista nos revela através do espelho uma visão dual de si mesma, o que sinaliza duas almas, uma interior e a outra exterior. Lóri identifica e projeta o seu ego numa persona, ou como o narrador descreve:

Vestiu um vestido mais ou menos novo, pronta que queria estar para encontrar algum homem, mas a coragem não vinha. Então, sem entender o que fazia – só o entendeu depois – pintou demais os olhos e demais a boca até que seu rosto branco de pó parecia uma máscara: ela estava pondo sobre si mesma alguém outro: esse alguém era fantasticamente desinibido, era vaidoso, tinha orgulho de si mesmo. Esse alguém era exatamente o que ela não era. (LISPECTOR, 1980, p. 97-98).

A identificação do ego com a persona é latente, uma vez que a imagem da sombra é acionada pela personagem, pois o seu lado interior/ sombrio “[...] não é feito apenas de pequenas fraquezas e defeitos estéticos, mas tem uma dinâmica francamente demoníaca.” (JUNG, 1980, p. 28). A pintura no rosto da protagonista revela a máscara que usava no contexto sócio-cultural, sem a pintura seria como a “nudez da alma”.

As mutações sensíveis no rosto de Lóri ao utilizar as máscaras sublinham alguns personagens com os quais Ulisses a identificava, a saber: “[...] ela estava tão pintada que ele provavelmente tomara-a como prostituta. [...] Também Lóri usava a máscara de palhaço da pintura excessiva.” (LISPECTOR, 1980, p. 99-100). A tarefa de escolher a própria máscara é um caminho árduo, uma vez que é algo solitário e está ligado ao gesto voluntário do humano. Lóri ao representar-se e representar o mundo, está solidificando a sua base úmida e instável. Sendo assim, ao se manter altiva, ela já apresenta uma superação de seus obstáculos, afinal, a sua máscara já existia.

Lóri, quando está diante do espelho, descobre-se uma imagem diferente da qual não possuía anteriormente, ou como descreve Regina Pontieri (1988, p. 44-45):

[...] instaura um processo de conhecimento, autoconhecimento e de criação que lhe é espelhístico: meu olho me vê através do olhar que o outro desfere sobre mim. E a cada olhar que desce sobre o meu eu, cria-se um eu-máscara, cristalização do instante do olhar do outro, que toma forma à minha revelia. E em cada eu, surgido a partir de cada um dos infinitos olhares que me olham, eu me revejo, como num espelho partido, em infinitos pedaços. Multidão de máscaras em que me alieno de mim porque perco a dimensão de minha totalidade. Alienação é fragmentação.

A imagem especular que Lóri tem de si mesma é recortada e definida num primeiro momento, porque num segundo momento aparece como signo que a faz mover o corpo, interrogar e descobrir os mistérios das “coisas silenciosas”.

Na vivência dos ritos de passagem se faz necessário à presença do outro para que testemunhe ou até mesmo participe, de modo que compreenda como esse processo se perpetua. Percebemos que a experiência da alteridade que Lóri experimenta ao se encontrar com Ulisses, por quem sente um profundo amor, estabelece a separação entre o “eu e o outro”, porque através desse contato podemos depreender no outro a diferença, um modo de enxergar coisas que o “eu” não vê.

De Ulisses ela aprendera a ter coragem de ter fé – muita coragem, fé em quê? [...] Lóri tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos de Ulisses enquanto a outra mão de Ulisses empurrava-a para o abismo – em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que empurrava, e cair, a vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre.

A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano. (LISPECTOR, 1980, p. 39).

A relação de Lóri e Ulisses aponta, nesse caso, um ponto neutro entre eles, visto que estão situados numa interestrutura dos ritos de passagem, isto é, o período de margem.

Na relação de opostos, Lóri possui apego pela lua, visto que Ulisses equipara-se à terra, pois “o que se chamava de terra já se tornara o sinônimo de Ulisses” (LISPECTOR, 1980, p. 51). A protagonista na ausência do elemento água banha-se nos raios lunares. Estando no terraço numa madrugada fresca, ela reflete sobre esse instante quando diz: “[...] depois chegara à conclusão de que ela tinha um dia-a-dia mas sim uma vida-a-vida. E aquela vida que era sua nas madrugadas era sobrenatural com suas inúmeras luas banhando-a de um prateado líquido tão terrível.” (LISPECTOR, 1980, p. 42).

A imagem da água para Lóri está atrelada à imagem da lua e tem na madrugada o seu poder de emanação, isso porque possui uma mudança e transformação ocultas.

A lua corresponde à rainha enquanto o sol representa a imagem do rei, eles estando unidos e juntos favorecem o “banhar numa fonte”, segundo os preceitos alquímicos. Dessa maneira, a protagonista realiza esse ritual, e, sobretudo sendo a rainha (lua) prefere a madrugada como sendo a melhor luz para se banhar, pois percebe que a luz do sol poderia secar o que de úmido existia em si mesma.

Lóri ao executar o seu rito de separação entende que, a partir deste, ela viverá no período liminar e marginal desse processo, uma vez que tinha receio em se entregar a Ulisses. “O que dificultava a ida. Sempre se retinha um pouco como se retivesse as rédeas de um cavalo que poderia galopar e levá-la Deus sabe onde. Ela se guardava.” (LISPECTOR, 1980, p. 50).

A imagem de Ulisses associada à terra e, por sua vez ao processo fecundo que ela representa, encontra na protagonista uma dificuldade de integração. O motivo: “[...] não conseguia unir-se à terra como se não estivesse pronta para ter a ligação de mulher com o que representava filhos. E restava, ainda como sombra da dor sombria de que fora feita antes de Ulisses, [...] era apenas uma pequena parte de si mesma.” (LISPECTOR, 1980, p. 51).

A água e a terra, ou seja, Lóri e Ulisses representam um estado perceptivo e característico desses elementos, especialmente na relação que desenvolvem no decorrer da narrativa. Lóri possui uma postura fluída e instável, pois não se adequa em qualquer lugar, ela está sempre em busca de novos caminhos, o que revela a sua indecisão em acompanhá-lo, visto que o medo de se agregar a ele tiraria o desejo de ser livre, porque ele “[...] entrando cada vez mais plenamente em sua vida, ela, ao se sentir protegida por ele, passara a ter receio de perder a proteção [...] ser tão protegida a ponto de não recear ser livre: pois de suas fugidas de liberdade teria sempre para onde voltar.” (LISPECTOR, 1980, p. 26).

Por outro lado, Ulisses possui uma condição humana “maior” (no sentido de pertencer e viver quase tudo que a terra oferece) do que Lóri. Contudo, ela não conseguirá acertar o seu passo com relação às coisas que a rodeiam. A sua tentativa de “[...] se pôr a par do mundo e tornara-se apenas engraçado: uma das pernas sempre curta demais. (O paradoxo é que deveria aceitar de bom grado essa condição de manca, porque também isto fazia parte de sua condição).” (LISPECTOR, 1980, p. 27).

Lóri reconhece que viver o seu lado humano é algo que ultrapassa o seu lado animal, pois o seu mundo é composto pelos instintos, ferocidades e doçuras, o que implica numa irradiação de paz e luta constante. Tornar-se humano para ela seria o mesmo que experimentar a silenciosa alma da vida, afinal entender era sempre ilimitado.

Nesse sentido, Lóri está em processo contínuo de reflexão, estando situada no período de margem, a cada fase ritual vivida, ela se auto-interroga, a fim de buscar respostas de como poderá usar esse momento para mudar algo em sua vida. Contudo, ela procura através das interrogações, encontrar e desvendar como os

seus ritos de passagem podem abrir portas em direção a uma nova fase de vida, pois diante dos acontecimentos que a marcaram no passado esse processo se instaura na medida em que o outro é revelado ao seu olhar. A sua auto-observação é praticada de forma distinta nas seguintes interrogações: “Vai recomeçar, meu Deus? E reunia toda a sua força para parar a dor. Que dor era? A de existir? A de pertencer a alguma coisa desconhecida? A de ter nascido?” (LISPECTOR, 1980, p. 59). É latente que essa dramatização da vida surja como apêndice desse mundo especial, pois é “[...] fenômeno coerente, supõe uma narrativa – a narrativa do eu é explicitada [...]” (GIDDENS, 2002, p. 75), ela aprende, descobre e tenta encontrar respostas às suas indagações, afinal, esse momento é fundamental para a afirmação e continuidade do processo ritual.

Lóri busca refúgio no professor de filosofia, e é por quem desenvolve um sentimento amoroso. O professor apresenta-se como detentor e reproduzidor do saber, de um saber que envolve o amor à sabedoria. Em *Ulisses*, Lóri percebe o seu guardião e protetor. Afinal, será ao professor que a personagem indaga: “– Que é que eu faço? Não estou aguentando viver. A vida é tão curta e eu não estou aguentando viver.” (LISPECTOR, 1980, p. 150). Ele, então, responde depois de algum momento de reflexão: “– Mas há muitas coisas, Lóri, que você ainda desconhece. E há um ponto em que o desespero é uma luz e um amor.” (LISPECTOR, 1980, p. 150).

O professor é quem tenta oferecer a ela o caminho para que possa se conhecer, isto é, através de interrogações como “E depois?”, “Será que todas as vidas foram isso?”, e “Como prolongar o nascimento pela vida inteira?”, e traça um diagnóstico sobre o comportamento de Lóri, mas não obtém respostas consistentes e precisas: “– Isso não se responde, Lóri. Não se faça de tão forte perguntando a pior pergunta. Eu mesmo ainda não posso perguntar quem sou eu sem ficar perdido.” (LISPECTOR, 1980, p. 151). E, dessa maneira, ela compreendia e “[...] sabia que era uma feroz entre os ferozes seres humanos, nós, os macacos de nós mesmos. Nunca atingiríamos em nós o ser humano. E quem atingia era com justiça santificado.” (LISPECTOR, 1980, p. 152).

Ulisses é o guia de Lóri, é aquele que acende nela a luz que ilumina o seu caminho. De certo modo, ele sugere a ela que reze, buscando estabelecer um contato consigo mesma, exigindo o máximo de si. Seguindo essa indicação, posteriormente, ela se ajoelha diante do divino que, também sente dentro de si e, com certa prudência e cautela, a fim de que o coração humano suporte.

A prece de Lóri procura uma mão que a ampare em sua jornada diante dos ritos, sendo capaz de amar, ela percebe a morte como parte da vida, conhece a eternidade e compreende com alegria a modéstia de sua existência. E conclui que as perguntas realizadas seriam tão misteriosas quanto às respostas, afinal, ela tinha o desejo de na hora de sua morte encontrar uma mão humana a quem amasse para apertar a sua, pois “[...] quando estivesse mais pronta, passaria de si para os outros, o seu caminho era os outros. Quando pudesse sentir plenamente o

outro estaria salvo e pensaria: eis o meu porto de chegada.” (LISPECTOR, 1980, p. 67).

A aprendizagem de Lóri implica no deixar para trás o seu abrigo de sereia, onde metaforicamente não havia nem dor nem emoção, porque era inalcançável por todos e por si mesma, e ao procurar “seu modo de andar” encontra “o seu passo certo”. Trilhando o seu caminho por terra, ela com suas “novas pernas” o percorre numa direção que levará a si mesma, ao seu encontro com a aprendizagem do prazer e do amor de Ulisses.

Os ritos de passagem assinalam a experiência que se efetua através de marcas ou transformações ocorridas no corpo durante a cerimônia de iniciação da protagonista, uma imagem que o indivíduo constrói em sua identificação com o outro, ou até mesmo, numa espécie de mudança que envolve a passagem de uma fase a outra da vida, como os ritos de transição, que confirmam nesse período marginal, o início da fase adulta da protagonista, pois sua identidade é diferenciada dos outros, especialmente quanto às relações sociais. Dessa maneira, será a partir desse signo da diferença que a protagonista poderá se apresentar frente às suas mudanças identitárias, principalmente nos modos de se expor em relação ao grupo.

Segundo Lúcia Pires (2006, p. 239) o tornar-se mulher para Lóri revela que estava

[...] aproximando-se de sua integração, Lóri agora encanta Ulisses não com seu canto de sereia, mas com seu nascente canto de mulher. Ele se surpreende e ela se emociona. Seus olhos ficam úmidos e ela se perturba com a sensação de felicidade que começa a rasgá-la por dentro. Foge, então, espavorida, do perigo que representa o homem – e volta para o seu casulo.

Conforme descreve Michéle Ansart-Dourlen (2009, p. 29), o sujeito que vive à margem, na fronteira, “[...] quer ignorar sua dependência em relação ao outro e seu ideal moral ‘é encontrar à sua volta aquilo que possa satisfazê-lo plenamente’.” Para tanto, a angústia, a solidão e o sofrimento estarão presentes na relação que Lóri estabelece com os outros, pois reconhece a sua própria incompletude, e tenta resgatar, na execução de seus ritos, algo que se perdeu. Começa, então, sua viagem de retorno, a sua aprendizagem diante do “eterno” recomeço.

Lóri aceita o seu destino diante de sua condição humana, uma vez que a solidão lhe é intrínseca. Na relação entre vida e morte, ela escolhe viver, afinal, “antes de morrer se vive”. Ela se prepara para realizar o seu ritual de iniciação sucessiva, porque “[...] é uma naturalidade morrer, transformar-se, transmutar-se. Nunca se inventou nada além de morrer. [...] Morrer deve ser um gozo natural. Depois de morrer não se vai ao paraíso, morrer é que é o paraíso.” (LISPECTOR, 1980, p. 72).

Em *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, notamos como o narrador apresenta Lóri equiparada ao período noturno, seguindo o ciclo lunar, pois ela

“[...] tinha um cesto de pérolas só para olhar a cor da lua pois ela era lunar [...]” (LISPECTOR, 1980, p. 21). A relação entre Lóri e a lua representa um aspecto transitório da personagem para viver uma outra condição em seu ritual, afinal, o sol surge quando a lua desaparece e vice-versa. Dito de outro modo, a lua equiparada à noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, que irão se desabrochar no amanhecer do dia, revelando a vida em sua plenitude:

Na “perspectiva lunar”, a morte do indivíduo e a morte *periódica* da humanidade são necessárias, assim como são necessários os três dias de escuridão que precedem o “renascimento” da lua. A morte do indivíduo e a morte da humanidade são também necessárias para sua regeneração. Seja qual for a forma, pelo simples fato de existir como tal e de permanecer, ela necessariamente perde o vigor e se torna desgastada. Para recuperar o vigor, precisa ser reabsorvida pelo âmbito disforme, ainda que seja só por um instante; precisa ser restaurada à unidade primordial de onde teve origem; em outras palavras, deve retornar ao “caos” (no plano cósmico), à “orgia” (no plano social), à “escuridão” (para a semente), à “água” (batismo, no plano humano; Atlântida, no plano da história, e assim por diante). (ELIADE, 1992, p. 86, grifo do autor).

Observamos que o mito do eterno retorno se evidencia quando o ritual de imersão de Lóri se dá em sua passagem pela água, mais especificamente no mar. No rito de aprendizagem de Lóri diante do mar percebemos que a relação aparente entre mar/ margem não está apenas no significativo, mas amplia-se ao contexto da significação. Isto é particularmente pertinente em nossa análise, pois insinua e descreve um momento de reflexão que a protagonista passa em relação ao seu amor por Ulisses. Esse deslocamento a faz repensar como será o seu futuro ao lado dele, portanto, não conseguindo identificar qual será o seu próximo rito de passagem, isto é, não sabe o que surgirá mais adiante, o que revela uma espécie de “desorganização profunda” do processo.

E será nesse período de margem (mar) que ela vivenciará uma experiência forte, que a faz encontrar-se consigo mesma: “Eu estou sendo, dizia a árvore do jardim. [...] Eu estou sendo, disse a água verde na piscina. Eu estou sendo, disse o nosso mar verde e traiçoeiro. [...] Lóri estava fascinada pelo encontro de si mesma [...]” (LISPECTOR, 1980, p. 83-84). De fato, o contato de Lóri com a água do mar demarca o momento de confronto consigo mesma, mais do que isso, pela primeira vez, ela sentiu uma força que a fez revelar a Ulisses a sua alma, especialmente quando disse: “– Um dia será o mundo com sua impersonalidade soberba versus a minha extrema individualidade de pessoa mas seremos um só.” (LISPECTOR, 1980, p. 85).

Lóri, diante do mar, começa a refletir sobre o seu passado, encontra-se num período marginal, onde a sua vida deve ser repensada e, posteriormente, enfrentada

e transformada por parte do sujeito “transitante”. Do mesmo modo, “[...] qualquer pessoa que passe de um para outro acha-se assim, material e mágico-religiosamente, durante um tempo mais ou menos longo em uma situação especial, uma vez que flutua entre dois mundos.” (GENNEP, 2011, p. 35). A isso, Gennep (2011, p. 35) designa pelo nome “margem”, ou como ele mesmo concebe como algo “[...] simultaneamente ideal e material, encontra-se mais ou menos pronunciada, em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra.”

O grande passo na aprendizagem de Lóri apresenta-se de modo infinito, assim como o mar. A partir de então, a mulher que a habita pode realizar o seu ritual de imersão no mar sem que nada atrapalhe sua cerimônia, visto que, a priori este pertencimento inteiramente a Lóri enquanto sereia.

A presença do mar transfigura-se no homem que falta para preencher a lacuna na vida da personagem Lóri. A inscrição e execução do processo ritual se evidenciam quando esta vai adentrando o oceano. “Vai entrando. A água salgadíssima é de um frio que lhe arrepia e agride em ritual as pernas. [...] Já não precisa de coragem, agora já é antiga no ritual retomado que abandonara há milênios.” (LISPECTOR, 1980, p. 92-93).

Não indo ao encontro com o corpo de Ulisses, Lóri corre em direção ao encontro do “corpo” do mar, o que proporciona nessa chegada “[...] a deixar entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido secreto.” (LISPECTOR, 1980, p. 92).

A presença do mar enquanto certeza de encontrar o que lhe falta, ou até mesmo, no sentido de curar as suas angústias e sua dor representa para Lóri algo enorme, profundo e divinizado. Dessa forma, descobre neste, que para ela se revela um ser poderoso, a possibilidade de felicidade, como de uma sobrevivente. A união entre a protagonista e o mar revela-se enquanto mistério de um se entregando ao outro, numa relação entre dois mundos incognoscíveis, onde a confiança é o princípio da relação.

Lóri ao descrever a imagem do mar diz: “[...] ele só lhe era delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da Terra.” (LISPECTOR, 1980, p. 91). Essa descrição revela como este se associa à figura de Ulisses, “porque ele é o mistério vivo que não se indaga” (LISPECTOR, 1980, p. 91). Ademais, percebemos o corpo de Lóri em sintonia com o areal da praia, porque necessita sentir-se pronta para adentrar-se no mar, mesmo que não se conhecesse inteiramente.

O mar é visto, enquanto corpo vivo, associado a Ulisses, mas também é relacionado com ela, o que faz com que ela sinta medo do que está por vir. “O caminho lento aumenta sua coragem secreta – e de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda! O sol, o iodo, tudo líquido deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada.” (LISPECTOR, 1980, p. 92). O ritual de

renovação de Lóri acontece quando “[...] abaixa a cabeça dentro do brilho do mar, e retira uma cabeleira que sai escorrendo toda sobre os olhos salgados que ardem [...]” (LISPECTOR, 1980, p. 93), sinalizando um ritual de batismo, uma vez que se morre para sua vida antiga e surge um novo estágio de vida.

Ao visualizar a imagem de Ulisses atrelada ao mar, Lóri aos poucos vai se recompondo e assumindo uma nova postura diante de tal acontecimento, pois a experiência do rito de margem sinalizou em sua vida o afastamento de seu amor, porém, esse mesmo rito é fundamental para revelar à personagem um momento de reflexão no qual pôde compreender que, de fato, o seu amor por ele é profundo, o que assinala um outro rito, o de agregação. No entanto, podemos assim nomeá-lo como espécie de modalidade que, a partir de então, mais uma vez, a faz ingressar no mundo das relações sociais entre pessoas. Ademais, a protagonista terá que continuar a viver seus ritos de passagem, pois serão estes que lhe possibilitarão conhecer suas transformações e metamorfoses naturalmente.

A cerimônia de Lóri diante do mar celebra o processo de transformação e anuncia que, a partir de então, estará pronta para se entregar a Ulisses. E em seu rito de passagem, ela segue o ritual quando “[...] com a concha das mãos e com a altivez dos que nunca darão explicação nem a eles mesmos: com a concha das mãos cheias de água, bebe-a em goles grandes, bons para a saúde de um corpo.” (LISPECTOR, 1980, p. 93). O elemento água enquanto identidade da protagonista coloca-se no mesmo sistema e plano semântico de sintagmas como: mar, lágrimas, nuvens, fonte, sede, navio e se desdobra nos verbos que a levam a mergulhar, flutuar, sonhar, imergir, emergir. Percebemos que estes vocábulos, além de relacionarem-se com aspectos da vida de Lóri, também estabelecem a presença do outro.

Entretanto, o movimento de fluxo e refluxo do mar, revela o processo transitório de Lóri: separação de Ulisses, instauração do seu período de margem e, posteriormente, agregação ao mar. A imagem simbólica do mar pode ser descrita da seguinte maneira, conforme expressa Chevalier e Gheerbrant (1997, p. 592, grifo nosso):

[...] símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações, e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório entre as possibilidades ainda informes as realidades configuradas, uma situação de ambivalência que é a incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se conciliar bem ou mal. Vem daí que o mar é ao mesmo tempo a *imagem da vida* e a *imagem do morto*.

Nessa mesma perspectiva, a vida de Lóri segue uma transformação, metamorfose a cada novo momento surgido. Essa dinâmica da vida que se processa diante do mar, assinala a passagem do ritual enquanto sequência solene, focado muitas vezes em algo que se repete naturalmente, assim como o ciclo da vida (do

nascimento à morte), ritual que une o sacro e o profano, o sublime e o grotesco e nesse percurso a vida à morte. Além disso, o “fluxo contínuo” do corpo de Lóri segue paralelamente como a volúpia de um rio, que se agiganta e foge no decorrer de seu curso, para um novo caminho, com suas águas que permeiam e tentam se ajustar em quaisquer espaços, sempre obedecendo a um ritmo natural, “grave e incompreensível como um ritual”.

Depois desse momento epifânico de revelação e descoberta diante do elemento líquido, que é a água, Lóri, agora reconfortada e revigorada, pensa sobre o que poderá acontecer em sua relação com Ulisses, porque, a partir de então, se constituirão como sendo um casal, situação com a qual nunca convivera. Essa identidade de gênero que Lóri se depara revela que “[...] o processo ritual opera por meio de identificações com as figuras de referência dentro do grupo social, que levam à aquisição dos traços definitivos da masculinidade e da feminilidade.” (SOUZA, 2009, p. 54). Contudo, observamos, ainda, o sentido que esse processo identificatório possui para o indivíduo que sofre essas transformações e fases, especialmente “[...] na infância, se traduz pela afirmação ‘eu sou menino’ ou ‘eu sou menina’ deverá mais tarde ser substituído por um sentimento mais complexo que irá se traduzir por ‘eu sou masculino’ ou ‘eu sou feminina’.” (SOUZA, 2009, p. 54).

De fato, “Lóri passara da religião de sua infância para uma não-religião e agora passara para algo mais amplo: chegara ao ponto de acreditar num Deus tão vasto que ele era o mundo com suas galáxias: isso ela vira no dia anterior ao entrar no mar deserto.” (LISPECTOR, 1980, p. 95). E o seu único caminho “era agregar-se a ele e ser grande também” (LISPECTOR, 1980, p. 95).

Lóri, enquanto iniciada no mundo, revela o seu lado místico, afinal ela era “antiga em seu ritual”, “[...] mas que para a mulher sentir-se em paz com ela mesma a vida se realiza melhor através de um processo de despertar progressivo.” (HENDERSON, 1964, p. 153). Dessa maneira, ela liberta a si mesma da imagem que fazia de Ulisses, pois das forças repressivas que a envolvia, ela toma “[...] consciência da sua capacidade de confiar no amor como um sentimento onde natureza e espírito estão unidos, no mais elevado sentido destas palavras.” (HENDERSON, 1964, p. 153).

A terceira e última fase ritual, nomeada de agregação (incorporação ou reintegração), consiste na adequação da protagonista à realidade cotidiana nutrida da força ritualística, uma vez que, ao passar pelo período liminar e marginal do processo de ritualização, a personagem Lóri conheceu pontos de divisão, ruptura, reflexão, de cada estágio vivenciado em sua travessia e transição. O acesso à dimensão ritual a habilitou a assumir seu novo papel, por compreender de outra forma à vida em comunidade. A eficiência nas mudanças de estado em uma sociedade está intrinsecamente conectada à compreensão de sua estrutura ritual e a existência de uma vivência integral dos momentos de passagem. Os rituais

servem, sobretudo, no romance em estudo, para promover a identidade social e construir uma imagem de mulher individualizada, por parte de Lóri, inserida no sistema coletivo.

No entanto, essa nova fase de vida da protagonista denota a possibilidade de travessia, de trilhar um caminho diferente. Ela justifica como as coisas existentes no mundo se perpetuam, uma vez que esse mundo “gira” aos seus pés, e nessa rotação tudo se movimenta, principalmente o amor por Ulisses. No momento de execução de seu rito de agregação a chuva se anuncia pelo vento. Mais uma vez, o elemento água é que lhe traz o renovar das forças, revigorando-a e, a partir de então, ela se dá conta de que chegou o momento esperado. Com efeito, sem avisá-lo, sem se pintar, sai à rua, de camisola e uma capa de chuva por cima, molhando-se toda, em meio à chuva, ela vai ao encontro de Ulisses.

[...] no começo ele a tratara com uma delicadeza e um senso de espera como se ela fosse virgem. Mas em breve a fome de Lóri fez com que Ulisses esquecesse de todo a gentileza, e foi com uma voracidade sem alegria que eles se amaram pela segunda vez. E como não bastava, já que tinham esperado tanto tempo, quase em seguida eles se possuíram realmente de novo, dessa vez com alegria austera e silenciosa. Ela se sentiu perdendo todo o peso do corpo [...]. Eu me sei assim como a larva se transmuta em crisálida: está é a minha vida entre vegetal e animal. Ela era tão completa como o Deus: só que Este tinha uma ignorância sábia e perfeita que O guiava e ao Universo. Saber-se a si mesma era sobrenatural. Mas o Deus era natural. (LISPECTOR, 1980, p. 171-172).

Agregar-se ao outro e conhecer o seu mundo é começar uma viagem em direção ao interior de si mesmo, da união de uma individualidade a outra, formando-se uma unidade, o que assinala a sua constituição, a partir da experiência e amadurecimento, a fim de encontrar no outro a resposta a sua própria existência. Essa é a jornada de Lóri, cujo desfecho é a união com Ulisses, seu porto seguro.

Os ritos de passagem de Lóri representam-na enquanto uma mulher antiga e primitiva e que coloca seu desejo de ser humano num plano transcendental. Em outras palavras, temos que para se tornar uma mulher integrada ao contexto sócio-cultural depois de ter vivido a humanidade “natural”, ela vivencia o paradoxo morte e vida enquanto um princípio constante nesse percurso ritual. Logo, os seus ritos iniciáticos assinalaram as provas que realizou, encontrando no processo a dicotomia morte e (re) nascimento, instaurando, dessa maneira, um ato sobrenatural do humano.

Em suma, Lóri busca atingir um ideal místico-religioso de humanidade, e nesse sentido encontra-se o amor como a causa, o meio e a prova final de sua travessia. O amor de Lóri por Ulisses reflete como o fogo dos conflitos, a fim de queimar as impurezas, purificando a alma. O amor é o seu agente propulsor que a

faz adentrar em caminhos desconhecidos e a leva a experimentar a dor e o prazer, de sereia a mulher.

Ela percebe em Ulisses a substância que falta para completá-la, afinal, o casamento de opostos “[...] é via legítima através da qual duas pessoas de sangue diferente – mas que também são ‘do mesmo sangue’, como será visto – se tornam ‘uma só carne’, dando origem aos filhos, nos quais os dois sangues estão misturados.” (WOORTMANN, 1995, p. 150). Um exemplo dessa relação unívoca está na fruta enquanto sua fonte de vida: “[...] a fruta estava inteira, sim, embora dentro da boca sentisse como coisa viva a comida da terra. Era terra santa porque era a única em que um ser humano podia ao amar dizer: eu sou tua e tu és meu, e nós é um.” (LISPECTOR, 1980, p. 175).

Por fim, essa terra sagrada e fecunda relaciona-se ao Paraíso, pois o ato de comer a fruta da terra santa equivale ao comer o corpo e o sangue de Cristo, um rito da Eucaristia e, a partir disso, podemos indagar se essa terra não poderia representar o próprio Ulisses, pois a protagonista depois de executar e chegar à completude dos seus ritos, passando por diversas provas e obstáculos, de fato, encontra o seu alento. Ulisses em sua terra fértil faz brotar o fruto “vermelho-sangue” chamado Lóri, onde a água imersa na terra sinaliza o crescer e o transformar da vida em seus ritos de passagem, porque “[...] logo depois de nascer tomado por acaso e forçosamente o caminho que tomara – qual? – e teria sido sempre o que realmente ela estava sendo: uma camponesa que está num campo onde chove.” (LISPECTOR, 1980, p. 166-167), evidenciando, portanto, o significado encontrado por ela quando se questiona “quem sou eu?” “Mas acho que agora sei: profundamente sou aquela que tem a própria vida e também a tua vida. Eu bebi a nossa vida.” (LISPECTOR, 1980, p. 180).

VELOSO, R. F.; SILVA, T. V. Z. Rites, identify and metamorphosis: the rites of margin in *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. *Itinerários*, Araraquara, n. 42, p. 65-80, jan./jun. 2016.

■ **ABSTRACT:** *This article aims to analyze the novel Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres, by the writer Clarice Lispector, from the theory of the rites of passage, in particular under the articulation of its second specific point, named “margin rites”. This is evident in the novel as being the most prolific of these rituals, since the protagonist is located in an interstructure, understood as a preliminary stage, which is the experience of the lived individuality, a period of isolation and autonomy from the group. In addition, this individuality becomes complementarity as Lori tries to establish a role model of fullness for her social life and it happens in relation to the other, thus constituting her identity. The other rites (separation and aggregation) also have this dynamic, but by following the process and path of the ritual, it is at the period of “margin” that we*

will find the possibility of better development of the actions and representations of the characters of the novel. The studied phases of Lori's life refer to the time of her adult life, her relationship with Ulysses and the deepening of her sexuality.

■ **KEYWORDS:** *Brazilian literature. Clarice Lispector. Identity. Otherness. Rites of passage.*

REFERÊNCIAS

ANSART-DOURLEN, M. A noção de alteridade. In: NAXARA, M.; MARSON, I.; BREPHOL, M. (Org.). **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 23-35.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

ELIADE, M. **Mito do eterno retorno**. Tradução José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. Tradução Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

HENDERSON, J. L. Os mitos antigos e o homem moderno. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Tradução Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964. p. 100-153.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Tradução Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 1980.

LISPECTOR, C. **Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1980.

PIRES, L. **A trajetória da heroína na obra de Clarice Lispector**. Rio de Janeiro: Dantes, 2006.

PONTIERI, R. **A voragem do olhar**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SOUZA, A. M. M. **Ritual, identidade e metamorfose**: representações do Kunumi Pepy entre os índios Kaiowá da aldeia Panambizinho. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado em

História) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.

WOORTMANN, E. F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do sul e sitiantes do nordeste. São Paulo: HUCITEC; Brasília: EdUnB, 1995.

Recebido em 20/08/2015

Aceito para publicação em 12/12/2015

